

PRÁTICAS DA HISTÓRIA

JOURNAL ON THEORY, HISTORIOGRAPHY,
AND USES OF THE PAST

N.º 12 (2021)



Editorial

Pedro Martins

Práticas da História, n.º 12 (2021): 7-10

www.praticasdahistoria.pt

Esta revista é financiada por fundos nacionais através da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT), I.P., no âmbito dos projetos UID/HIS/04666/2013, UID/HIS/04666/2019, UIDB/04666/2020, UIDP/04666/2020, UIDB/04209/2020, UIDP/04209/2020 e LA/P/0132/2020.

Editorial

Chegados ao número 12 da revista *Práticas da História*, podemos dizer que este é um projeto em fase de consolidação. Quando o primeiro número foi lançado em 2015, eram várias as dúvidas perante a exequibilidade e o sucesso deste projeto. É comum no meio acadêmico as revistas científicas terem uma durabilidade altamente reduzida ou, pelo menos, uma periodicidade bastante errática, afetando assim também o seu processo de indexação. No entanto, o empenho dos membros do nosso Conselho Editorial, recentemente atualizado, o trabalho dos pareceristas que conosco têm colaborado, e o apoio prestado pelas instituições que financiam a revista têm permitido à *Práticas da História* estabelecer-se gradualmente no contexto dos debates sobre a historiografia, a teoria da história e os usos do passado. Além do mais, a ambição, salientada na nota introdutória ao primeiro número pelos fundadores da revista, António da Silva Rêgo e Joaquim Gafeira, de ela se tornar “um projeto internacional” tem vindo a ser alcançada em larga medida. Apesar de, desde o início, termos constantemente publicado em língua portuguesa, todos os números até aqui têm incluído também um elevado número de artigos nos restantes idiomas aceites pela revista, o que atesta a projeção que esta tem atingido além do contexto português.

Outro fator que consideramos ter contribuído para o sucesso da revista tem sido a alternância que temos vindo a estabelecer entre números temáticos (ou com dossiers temáticos) e não temáticos. No nosso entender, esta alternância tem dado voz à pluralidade de perspetivas que desde o início foi também um dos objetivos do nosso projeto. O presente número, que se segue a um número temático, insere-se nesta lógica. Ele inclui um conjunto de textos avulsos sobre temas tão diversos como as lutas pela reparação histórica em torno da escravatura, as re-

apresentações do “outro” no contexto do colonialismo português, os usos da Idade Média no cinema italiano fascista, a construção e apropriação do chamado passado “anglo-saxão”, ou os conceitos de “historicidade” e de “populismo”. Se, por um lado, esta aparente dispersão temática é um sinal da diversidade de textos que nos têm sido propostos, por outro lado, a organização do próprio número retoma dois grandes temas que têm sido tradicionalmente abordados desde que a revista foi lançada.

Iniciamos, assim, com o tema da memória, das representações e dos usos do passado colonial. Neste campo, o artigo de Tereza Ventura reflete sobre o papel do ativismo negro na desconstrução do regime civilizatório que sustentou a escravatura e a desigualdade racial no contexto brasileiro. O texto debruça-se particularmente sobre os conceitos de “reparação histórica” e “justiça de transição”, mostrando como, nas últimas quatro décadas, o movimento negro no Brasil tem denunciado a persistência das lógicas de poder colonial e contribuído para a preservação da memória dos herdeiros de sujeitos escravizados. O segundo artigo, dedicado à temática das representações do passado colonial, da autoria de Andrea Vacha, enfoca as representações iconográficas do rei vátua Gungunhana entre o final do século XIX e o início da década de 1960. Através da análise de fontes visuais, o autor demonstra como Gungunhana se tornou um símbolo do “Outro”, entendido como selvagem e inferior no contexto do colonialismo português deste período.

O segundo tema abrangido por este número, e que tem também sido recorrente na *Práticas da História*, é o das representações e usos do passado medieval. O artigo de Davide Iacono remete-nos para o cinema italiano durante o período fascista, analisando as representações da figura dos *condottieri* neste campo. Focando-se sobretudo em dois filmes, Iacono demonstra como estes líderes militares da Idade Média tardia e do Renascimento foram transformados em símbolos do nacionalismo italiano e em prefigurações de um líder político como Mussolini. Já o artigo de Renato Da Silva faz uma trajetória em torno dos usos do chamado passado “anglo-saxão” desde o século XVII à atualidade, demonstrando como o próprio termo “anglo-saxão” é em grande medida uma construção eivada de preconceitos racistas e colonialistas. O texto

alerta ainda para as apropriações desta construção pela extrema-direita contemporânea, sugerindo possíveis soluções geradas no meio acadêmico que questionem os seus pressupostos.

Como tem sido tradição também na revista, este número inclui uma secção de ensaios. Os dois textos que publicamos focam-se em dois conceitos: o de “historicidade” e o de “populismo”. O primeiro ensaio, de Augusto Carvalho Dias Leite, nasce de um comentário ao verbete “historicidade” (*Geschichtlichkeit*), escrito por Leonhard Von Renth-Fink e originalmente publicado no *Dicionário Histórico de Filosofia*, que o autor traduziu para português e que nós publicamos também. Tomando uma perspetiva fenomenológica, o texto foca-se no problema da historicidade como fundamento metafísico da ideia de história moderna, analisando em que sentido ele foi utilizado por autores como Hegel, Heidegger e vários filósofos no contexto brasileiro. O segundo ensaio, da autoria de Fernando Dores Costa, debruça-se sobre os debates contemporâneos em torno do conceito de “populismo”. Fazendo uma leitura do conceito sobretudo a partir de Margaret Canovan, o texto demonstra não apenas o carácter fluido do conceito, mas também as suas implicações na análise dos contextos políticos atuais.

Publicamos ainda uma entrevista conduzida por Nuno Domingos e Diogo Ramada Curto a Allen e Barbara Isaacman, realizada aquando da sua passagem por Lisboa em finais de 2019. Nela, os dois historiadores refletem sobre as suas experiências no contexto colonial moçambicano, base fundamental da sua obra historiográfica.

Concluimos o presente número com a já habitual secção de resenhas, desta vez dedicada a quatro obras publicadas no ano transato. À semelhança da organização deste número, começamos com o tema da memória e dos usos do passado colonial, com um texto de João Figueiredo sobre o livro de Dan Hicks *The British Museum: The Benin Bronzes, Colonial Violence and Cultural Restitution*. Logo depois, temos a leitura de Manuela Ribeiro Sanches à obra de Gavin Arnall *Subterranean Fanon. An Underground Theory of Radical Change*, onde o autor procura demonstrar a atualidade dos textos políticos e psiquiátricos de Fanon no contexto das lutas contemporâneas. A terceira resenha que

publicamos, de Giulia Strippoli, foca-se no livro editado por Teresa Bertilotti *Women's History at the Cutting Edge. An Italian Perspective*, que se debruça sobre as tensões e questões levantadas pela institucionalização do campo de estudos feministas italiano, no caso, cruzando-o com outros contributos das ciências sociais e das humanidades. Terminamos com um texto de Marta Prista em torno da obra de Pablo Alonso González recentemente traduzida para português com o título *O Antipatrimónio: Fetichismo do Passado e Dominação do Presente*.